

## CONTATO ENTRE O GUARANI E ESPANHOL: INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA NA CONSTITUIÇÃO DO JOPARA

\*\*\*

## CONTACT BETWEEN GUARANI AND SPANISH: LINGUISTIC INTERFERENCE IN THE CONSTITUTION OF JOPARA

André Lima de Santana Ribeiro<sup>1</sup>  
Valéria Faria Cardoso<sup>2</sup>

**Data de recebimento do texto:** 08/05/2024

**Data de aceite:** 30/05/2024

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar aspectos relativos à história de contato entre o povo guarani e o colonizador espanhol, afim de melhor contextualizar o estudo das interferências linguísticas existentes na constituição do Jopara. Pretende-se evidenciar, mais especificamente, distintos tipos de influência linguística em níveis fonético-fonológicos, morfológicos, morfossintáticos e lexicais que apontam para uma influência recíproca entre o guarani e o espanhol falado por paraguaios. Para tanto, o trabalho foi baseado em estudos prévios sobre a língua guarani e o Jopara, tais como: o de Kallfell (2016), o de Cardoso (2008 e 2018), Ramirez (2007), Dietrich (1995), bem como em estudos na área da Sociolinguística, como: Calvet (2002) e Tarallo e Alkimin (1987).

**Palavras-chave:** Linguística de Contato. Interferência. Guarani. Espanhol. Jopara.

**Abstract:** This monographic work aims to present aspects related to the history of contact between the Guarani people and the Spanish colonizer, in order to better contextualize the study of the linguistic interferences existing in the constitution of Jopara. It is intended to highlight, more specifically, different types of linguistic influence in phonetic-phonological, morphological, morphosyntactic and lexical levels that point to a reciprocal influence between Guarani and Spanish spoken by Paraguayans. To this end, the work was based on previous studies on the Guarani language and Jopara, such as: Kallfell's (2016), Cardoso's (2008 and 2018), Ramirez's (2007), Dietrich's (1995), as well as on studies in the field of Sociolinguistics, such as: Calvet (2002) and Tarallo and Alkimin (1987).

**Keywords:** Contact Linguistics. Interference. Guarani. Spanish; Jopara.

---

<sup>1</sup> Letrado pela Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT. Coordenador da Área de Linguagem e Professor da EI Silvestre Gomes Jardim (Rondonópolis-MT). E-mail: andre.santana@edu.mt.gov.br.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística (UNICAMP) com Pós-Doutorado em Linguística (UEMS). Professora do Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Tecnologias (FALECT) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UNEMAT. E-mail: valeria.cardoso@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5137-8535>.

## Introdução

A situação linguística do Paraguai é um caso especial em todo o continente americano, uma vez que sua história de contato e miscigenação levaram a uma situação única cuja língua indígena original - o guarani – se torna o componente essencial da identidade de um povo inteiro. Hoje, aproximadamente 90% dos habitantes daquele país dominam mais ou menos esse idioma nativo. Entretanto, mais da metade dos paraguaios são bilíngues, proficientes em guarani e espanhol.

Segundo Fishman (1995), no Paraguai há uma distribuição funcional diglósica, pois o uso de guarani no campo “família” se opõe ao espanhol como língua formal e administrativa, dominante nas cidades. Por mais de 500 anos, o bilinguismo típico mais ou menos forte da maioria dos paraguaios, com uma influência recíproca do espanhol e do guarani, levou a uma combinação linguística íntima, denominada de Jopara(<Jopara> "inserção recíproca" = "mistura").

A constituição linguística do Jopara dá-se, por um lado, pelo espanhol paraguaio com suas características e, por outro, pelo guarani falado, que em todos os seus campos linguísticos apresenta fortes interferências do espanhol. Diferindo-se, fortemente do guaraniete (<guaraní + eté> [gwaranie'te] “guarani verdadeiro/puro”) hoje, expresso apenas na linguagem escrita.

O presente artigo pretende apresentar aspectos relativos à história de contato entre o povo guarani e o colonizador espanhol, para assim melhor contextualizar o estudo das interferências linguísticas existentes na constituição do Jopara. Para tanto, baseamos nosso trabalho em estudos prévios sobre a língua guarani e o Jopara, tais como: o de Kallfell (2016), o de Cardoso (2008 e 2018), Ramirez (2007), Dietrich (1995), bem como em estudos na área da Sociolinguística, como: Calvet (2002) e Tarallo e Alkimin (1987).

Por fim, ao buscar estudar as interferências linguísticas na constituição do Jopara, pretendemos evidenciar, mais especificamente, distintos tipos de influência linguística em níveis fonético-fonológicos, morfológicos, morfossintáticos e lexicais que apontam para uma influência recíproca entre o guarani e o espanhol falado por paraguaios.

A seguir será abordada a história de contato no Paraguai, no qual trata do contexto histórico da chegada dos espanhóis em terras americanas, apresentando a trajetória dos ocupantes europeus e a importância das missões jesuíticas para alavancar o contato entre o guarani e o espanhol.

## História de contato no Paraguai

A chegada dos espanhóis nos espaços da América do Sul foi relativamente tardia na conquista do novo continente. Em 1515, Juan Díaz de Solís descobre a região que hoje se configura a República do Paraguai, sendo seguido em 1525 pelo português Diego Garcia. A obsessão por encontrar a lendária *Sierra de la Plata* fizeram com que os espanhóis entrassem no interior do país em busca de ouro, ocasionando a descoberta de novas terras. Somente em 15 de agosto de 1537 por ordem de Juan Ayolas, embaixador e representante de Pedro Mendonça, Juan de Salazar de Espinosa constrói um forte chamado *Nuestra Señora de Asunción* (Nossa Senhora de Assunção) a beira do rio Paraguai. Para que mais tarde o tenente dessa praça Domingo Martíne de Irala, nomeado também por Ayolas, mandasse edificá-la como população, dando origem a Assunção, capital do Paraguai.

A diferença em conquistar o território nas proximidades de Assunção em relação às demais está no fato de que os indígenas que ali se localizavam firmaram acordos de cooperação ao processo de colonização. Isto se dá por partes dos residentes indígenas por um fator religioso, pois os índios os consideravam semideuses (que em guarani tendiam a ter o nome de *moëra*). Eles também os viam como aliados contra as outras tribos na qual eram rivais, como as tribos *Del Chaco*, especialmente os Guaycuru, e aos temidos piratas do rio, os Agaces e os Payagua.

Os espanhóis foram presenteados com terras e os caciques dos polígamos índios guaranis se preocuparam em lhes agradecer com mulheres de sua tribo, para assim consolidar e estabelecer boas relações com os ocupantes do forte. Essa ação teve muito êxito com os ocupantes, pois as mulheres espanholas haviam ficado na Europa (Kallfell, 2016). Com isso Zuccolillo diz que:

[...] algumas características do papel da mulher nas sociedades guaranis (que determinavam o sistema conhecido como *reciprocidade* ou *cunhadismo*), levaram à denominação de Assunção, naquela época, como o “Paraiso de Mahomé” e reforçaram o mito da aliança “pacífica”, “amorosa” que teria dado lugar ao surgimento da sociedade local. (Zuccolillo, 2002, p.167).

Nas palavras de Cardozo (1989), Zuccolillo faz o recorte dizendo “*La conquista Del Paraguay [...] se consumó no em los campos de la batalla sino em el lecho de amor*”. Com essa união entre espanhóis e indígenas desencadearam matrimônios mistos e uniões extraconjugais, surgindo os chamados *mancebos de la tierra*, mestiços bilíngues (Kallfell,

2016 p.13). Assim foi formada uma pequena sociedade em que a maioria era composta de mestiços sendo a elite dessa sociedade composta daqueles que podiam sentir orgulho de sua ascendência hispânica, isto é, daqueles que tinham origem espanhola ou européia.

Com a grande aproximação entre essas duas culturas, se tornaram inseparáveis e mutuamente relacionadas, principalmente no quesito língua. O espanhol era até então denominado língua dos senhores (guar. *karai ñe'ẽ* 'lengua de los señores') e o guarani era denominado língua dos índios (guar. *ava ñe'ẽ* 'lengua de los indios'). Está sólida relação haveria de determinar essencialmente a sociedade paraguaia posterior, assim como sua situação linguística.

Houveram interferências tanto do espanhol no guarani quanto do guarani no espanhol. Pois ainda que a maioria falasse o *avañe'ẽ*, a influência dos europeus na língua autônoma foi muito maior que ao inverso, o espanhol ganhou força e destaque em relação ao guarani com a chegada e a introdução de objetos e atividades espanholas que até então não faziam parte do contexto social indígena, assim não podiam ser representados pela língua nativa, com isso o espanhol tomou forma e se manteve crucial no falar local para apresentar e representar sua cultura. Os mestiços se familiarizaram com ambas a línguas e introduziram inconscientemente novos elementos na língua, ocorrendo por sua vez, processos de empréstimos linguísticos e neologismos.

Segundo Kallfell o guarani foi de suma importância no desenvolvimento histórico no período da missão jesuítica que durou de 1609 a 1768. Wolf Dietrich (1992) também aborda essa questão destacando a antiga zona guaraníca, isto é, zona de influência das missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII, corresponde hoje a República do Paraguai, as províncias argentinas de Corrientes, partes de Formosa, Chaco, Santa Fé e Entre Rios, além de partes do Estado brasileiro do Mato Grosso do Sul, como Campo Grande, Dourados e uma pequena parte do Estado do Paraná.

Nesse período os guaranis ali corriam perigo, pois bandeirantes vindos de São Paulo se infiltravam no interior do país em busca de ouro e índios para servirem de escravos no Brasil, (Cardoso 2018, p.51). Para proteger os guaranis do perigo proveniente dos bandeirantes, a ordem jesuítica, “a companhia de Jesus” orientada pelos padres, reduziu-os a lugares mais restritos e fechados. Essas ações ficaram conhecidas como reduções, a primeira que se fundou foi em 1609, junto ao rio Paraná. Eles viviam isolados e separados do resto da população de até aproximadamente 10.000 indígenas.

Esse isolamento não serviria apenas para protegê-los, mas também para lhes explicar e impor os valores e normas espanholas. Os índios tiveram que se vestir e renunciar a

poligamia, desta maneira eles foram “convenientemente” reeducados às normas próprias, deixando-os livres do sistema ‘*encomienda*’ onde ficaram livres do trabalho forçado.

No México como na América do Sul, se contam mais de 900 línguas indígenas, que eram consideradas pelos espanhóis da época como ‘línguas gerais’, isso porque precisavam assegurar o entendimento em territórios linguisticamente heterogêneos. Tendo como exemplo o *nahua* no México e o *quéchua* no Peru. No Paraguai declarou como ‘língua geral’ o *avañe’ẽ* (língua dos índios). Com esse motivo o jesuíta Antônio Ruiz de Montoya escreveu um dicionário e uma gramática desta língua, que apareceram em 1639-1640. Situação essa que contribuiu aos jesuítas o ensinamento de suas normas e crenças usando a própria língua nativa daquele local, o guarani.

No entanto a língua guarani não era considerada tão apropriada para o projeto “*Compañía de Jesús*”, já que a língua refletia a uma cultura e uma realidade totalmente distinta. Para que os jesuítas pudessem transmitir aos indígenas os valores europeus e a fé cristã, tiveram que reestruturar e adaptar de uma forma considerável língua indígena. Junto a influências sintáticas e lexicais já existentes, levou a uma adoção amplamente direta e indireta do espanhol no campo do vocabulário, já que haviam vários hispanismos que tinham sido integrados diretamente no guarani antes da missão dos jesuítas, tais como ‘*kavaju* > *caballo*, *ovecha* < *oveja* etc Os missionários criaram traços semânticos, por tanto, conceitos indiretos que eram imitações semânticas dos conceitos europeus e cristão com palavras em guarani, como cf: *tupão* < *Tupã* ‘*Dios*’+ *óg* ‘*casa*’ = ‘*casa de Dios*’ = ‘*iglesia*’. Com essa acomodação do guarani ao espanhol, aquela, deste modo, se converteu em uma língua não tribal. Mas segundo Dietrich (1995) a relação histórica exata desse guarani jesuítico e o guarani paraguaio de hoje, até agora não foi mais bem esclarecido.

A supressão da ordem dos jesuítas, no ano de 1767 é possível que também tenha sido o final da missão no Paraguai, em 1768 foram expulsos os missionários do Paraguai e as reduções foram desfeitas, mais de 100.000 indígenas (Dietrich 1998: 483) regressaram a selva ou se mesclaram com o resto da população paraguaia, os mestiços. Assim a mestiçagem não somente reforçou a convergência linguística já existente entre o espanhol e o guarani, como permitiu convergirem o guarani jesuítico e o guarani dos mestiços assim como o dos espanhóis nascidos no Paraguai.

Segundo Wolf Lustig (1996) quando se usa o termo “*guarani paraguayo*” refere-se à língua histórica derivada do guarani autônomo, submetido a uma contínua penetração do espanhol que, no entanto não chega a destruir sua estrutura tradicional, diferente do uso do termo *Jopara*, que é submetido como uma variante diastrática do *guaraní paraguayo*, que

envolve vários graus de hispanismos ou como o próprio autor destaca a “*desguaranización*”, que abarca desde o guarani tribal até ao espanhol padrão. Ou seja, na interferência para a mescla entre as duas línguas um pouco de cada língua vai perdendo suas estruturas padrões dando origem a novas construções linguísticas.

Em 14 de maio de 1811 a economia paraguaia e o seu sistema educativo melhoraram essencialmente do que nas décadas anteriores a independências do país. Houve um super desenvolvimento na produção e exportação do tabaco e mate, e foram criadas instituições culturais, como centros educacionais. Entretanto essa fase encontrou logo o seu fim com a chegada da ditadura francesa no ano de 1814. O doutor José Gaspar Rodríguez de Francia nomeou-se como ‘*Dictador perpetuo de la República*’ e governou como tal até sua morte no ano de 1840. Assim o Paraguai foi levado novamente ao isolamento total. Francia durante seu mandato de ditador (1814-1840) atacou vigorosamente toda a parte do espanhol, valorizando o guarani, que a concedeu como língua oficial na história do Paraguai. Nesse contexto o ditador introduziu sua política matrimonial, na qual proibia o casamento entre espanhóis e guaranis, tendo como consequência o crescimento de falantes monolíngues guarani, enquanto o espanhol se ocupou unicamente o papel de língua da administração.

O sucessor do ditador Francia foi seu sobrinho Carlos Antônio López, quem governou desde 1842 a 1862, que foi passado depois ao seu filho, Francisco Solano López, que teve seu domínio entre 1862 a 1870. Ambos melhoraram consideravelmente a situação econômica e cultural do Paraguai. Pai e filho modernizaram o país, fomentaram a indústria e a educação. Mas esse impulso foi novamente interrompido, entre 1865 a 1870, pois se desencadeou a guerra impulsionada por Solano contra os grandes vizinhos, conhecida como a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai. Situação que teve grandes consequências negativas para o Estado tendo uma enorme perda do território paraguaio e de sua população. Zuccolillo contribui dizendo que:

Nesse contexto, seria [...] adequado dizer que foi o espanhol que “sobreviveu” em meio ao guarani, restrito a um âmbito muito pequeno e vinculado à administração pública, o que por outro lado é difícil que fosse diferente, dado o contexto colonial em que essa sociedade se constituiu e esteve inserida. (ZUCCOLILLO, 2002, p.172).

O Paraguai perdeu mais de 142.500 Km quadrados e quase metade de sua população, que se reduziu de mais de 800.000 habitantes a 231.196. Calcula-se que não mais de 10% dos que sobreviveram falavam a língua espanhola (cf. De Granda 1992 apud Kallfell, 2016).

Assim o guarani se firmou e se fez crucial em sua sobrevivência, pois pode ser empregada como código secreto contra os inimigos, como pode ser observado na passagem feita por Kallfell:

Durante la Guerra Del cacho contra Bolivia, que duro de 1932 a 1935, el guarani de nuevo tuvo la función central de lengua secreta. Unió a los paraguayos y fortaleció su orgullo nacional, lo cual supuso um factor esencial para la victoria. (KALLFELL, 2016, p. 17).

A situação linguística do Paraguai hoje em dia é formada por 95% de mestiços, apresentando um caso especial no conjunto do continente americano. Estimasse que 90% dos habitantes dominem de uma forma ou outra a língua guarani, sendo de suma importância lembrar que a língua guarani nos ambientes rurais é com frequência o único meio de comunicação (Reis, 2006).

Os resultados precisos do “*Censo Nacional de Población y Viviendas*” do ano de 2002 apresentados por Kallfell, assinalam que no total da população, somente 8% dos falantes são monolíngües em espanhol e 27% da população fala somente guarani. Kallfell diz sobre as palavras de Noll (2009:71) que mais da metade dos paraguaios, 59% são bilíngües, e que parte desses bilíngües, 29,9% vivem em áreas rurais. Com isso pode se constatar uma situação de diglossia: o uso do guarani no ambiente familiar se contrapõe ao espanhol como língua formal e administrativa, que domina nas cidades, atitude essa também abordada por Lustig:

El jopara como una especie de camuflada “posición de retirada” del guaraní es el resultado de una situación diglósica en la que de un lado está el español, lengua moderna, urbana, civilizada, dominante, con toda la infraestructura y el apoyo de una lengua universal; del otro lado se encuentra el guaraní, lengua de la cultura ancestral y dominada, de los pobres y desheredados arraigados en el interior del país que se está despoblando y desestructurando, un idioma tan desamparado como sus hablantes. (LUSTIG, 1996, p.19)

O espanhol é tido como língua de prestígio social, podendo ser compreendido que a língua guarani, por mais que tenha uma superioridade numérica de falantes em relação ao espanhol, bem como por sua importância na história paraguaia é o espanhol, a língua melhor avaliada pela sociedade. Em 1992, o guarani é tido como língua oficial, como pode ser visto no artigo 140 da raiz da ditadura de Francia:

El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación. (Ministerio de Educación y Cultura, 1999 apud: KALLFELL, 2016, p.19)

Estabelece-se no artigo 77 do ‘*Ministerio de Educación y Cultura*’ de 1999 (Op. Cit.) que a língua materna também tende a ser sua língua de ensino em seus primeiros anos de escolarização. Com essa reforma na educação o chamado ‘*Programa de Educación Bilingue de Mantenimiento*’ coloca alguns objetivos a serem alcançados com essa proposta de ensino:

La reforma educativa pretende que para el 2020, toda la población entre 15 y 50 años tenga, entre otras, las siguientes capacidades: (i) expresarse y comunicarse fluidamente en guaraní y en castellano; (ii) leer y escribir con comprensión em guaraní y en castellano; (iii) tener sentido de pertenencia a una cultura en um contexto multicultural. (Ministerio de Educación y Cultura, 1999 apud: KALLFELL, 2016, p.19).

Tendo como exemplos das línguas indígenas presentes no Paraguai, pode-se citar a língua de *Chaco* língua contemplada como a língua guarani que foram influenciadas pela missão jesuítica e que hoje residem no Paraguai. Entre elas pertencem o mbyá, o *cayováou kaiwá*, o *paĩ tavyterã*, o *ñandeva*, também presente em *Chaco*, assim como o *guayaki ou Che*, tipologicamente algo mais distante.

O espanhol do Paraguai é constituído por algumas particularidades, e por outra o guarani falado, que mostra fortes interferências com o espanhol. O resultado é um “falar de duas línguas”, que os paraguaios em sua própria língua chamam de *jopara* ‘mescla’ = *yopará*.

O primeiro a chamar a atenção a respeito da situação linguística no Paraguai foi o missioneiro José Gardiel (1900 p.392-393) em 1758, que dizia em suas cartas que a linguagem paraguaia era uma “geringonça”, pois apresentava trocas de códigos (code-switching) do espanhol com o guarani e vice e versa, situação essa que dificultava o entendimento de estrangeiros que não conheciam/entendiam a língua indígena em questão. (Kallfell, 2016 p.36)

Ramirez (2007) contribui dizendo no que se refere ao *Jopara* é que de um lado há o dito espanhol padrão que é encontrado, *a priori*, em situações formais como, em governos, educação, meios de comunicação, principalmente em sua forma escrita, quando se falam com pessoas desconhecidas ou pessoas mais velhas, e diante a um público numeroso. Enquanto do



outro lado encontra-se o falar coloquial ou veicular (guarani < Jopara), que podem ser encontrados nos demais contextos, como em ambientes familiares, roda de amigos, áreas campestres e ambientes informais diversos.

### **Linguística de Contato: Objetos e Conceito**

De acordo com Tarallo e Alkmin (1987) duas línguas que se coabitam podem viver simplesmente em contato uma com a outra, mantendo-se integralmente independentes e resguardando seus limites e fronteiras individuais. Ou elas podem se misturar, e assim podem se mesclar. Sendo usada como exemplo dessa relação às representatividades do mundo, como é o caso das plantas, ou elas se mantêm em equilíbrio simbiótico ou se parasitam.

As línguas que são tipologicamente distintas uma das outras quando em contato ou se coexistem à medida que se compartimentalizam com vistas às suas respectivas funções sociais, ou se cruzam, combatendo-se umas às outras pela conquista de um espaço social próprio, sem deixar de entender que o espaço da mescla linguística está na comunidade de fala.

Nos próximos tópicos serão apresentadas funções em que a língua é exposta a medida que seu contato é iniciado, abordando a relação dos *pidgin* e das mesclas linguísticas apresentadas por Tarallo e Alkmin (1987) e o conceito de interferência de Calvet (2002).

### **Pidgin**

A situação de contato entre as línguas, a urgência de um meio de comunicação pode gerar uma língua de emergência com funções básicas e restritas, o que se pode chamar de *pidgin*. O termo *pidgin* segundo Tarallo e Alkmin (1987) foi usado primeiramente em 1850 para se referir à uma mescla de contato chinês + inglês. O *pidgin* não é língua mãe, ela é uma situação linguística com espaço e tempo característico, pois se serve da necessidade de uma comunidade, provisoriamente estabelecida, em um determinado local e por um período específico de tempo. Um fato sobre o *pidgin* é que com o passar do tempo, instalado ou instaurado como veículo privilegiado de comunicação entre os grupos, esse tipo de mescla tem partes de seu repertório fixadas por ambos os grupos.

Quando um *pidgin* começa a ser usado por um conjunto de pessoas como língua-mãe, é dada a essa situação a nomeação de língua crioula. Sendo assim, os autores (Hall, apud. Tarallo e Alkmin 1987, p. 104-106.) dizem que o crioulo é um *pidgin* “nativizado”, ou seja, a

utilização da língua emergente do contato entre as comunidades de fala como primeira língua. No entanto, diferentemente dos pidgins, as línguas crioulas conseguem preencher as necessidades totais de seus falantes nativos e usuários, ultrapassando os limites comerciais e sócio-políticos. De acordo com os autores:

[...] Tais situações podem, na verdade, gerar fenômenos de mesclas variadas em um momento inicial que, no entanto, podem posteriormente desaparecer ou ser absorvidas pelas línguas na alquimia. [...] uma concepção teórica bastante difundida e hoje considerada clássica, uma situação de contato pode produzir um *pidgin* que ou desaparece com o tempo ou se nativiza, tornando-se assim um crioulo. (TARALLO & ALKMIN 1987, p. 103)

Assim as línguas *pidgin* e/ou crioulo são, pois, consequência naturais de situação de contato. Mas nem toda situação de contato gera um sistema linguístico novo, do tipo *pidgin* ou crioulo, podendo ser apenas uma mescla entre as duas línguas emergentes.

### Mescla Linguística

Com isso a mescla é subdividida em duas instâncias, a mescla intracomunidade que é dada pelas variantes convivendo e se entrecruzando em uma mesma comunidade de fala, em que apenas uma língua é falada e há a mescla intercomunidade, que seriam quando duas línguas estejam coexistindo e se mesclando em uma mesma comunidade de fala, como é a situação do Paraguai que tem a língua espanhola e o guarani como oficiais.

A coexistência de dois sistemas linguísticos distintos em uma mesma comunidade é aqui visto como situação de bilinguismo, sendo suas causas evidentemente históricas e sociais. Essa situação se edifica por meio do contato entre diferentes grupos étnicos emigrando de suas comunidades de origem para uma mesma região. O bilinguismo pode estar em situação de *diglossia*, que é quando a escolha do código a ser usado (espanhol ou guarani, por exemplo, no Paraguai) é ditada por domínios do discurso. Já em *code-switching* os dois sistemas se mesclam no nível da sentença, por exemplo, “el niño es **tavy**” – “el niño es **ignorante**”. (TARALLO & ALKMIN, 1987).

Contudo valem-nos declarar aqui que o Jorará é tido como uma mescla de duas línguas, levando em consideração seus repertórios e contextos históricos, de acordo com Kallfell (2016, p.21) a própria terminologia da palavra remete a sua função de mescla, *jopara* “(<Jopara ‘penetración recíproca’ = ‘mezcla’)”.

## **Interferência**

Calvet (2002) elucida que a interferência designa um remanejamento de estruturas resultantes da introdução de elementos estrangeiros nos campos estruturados da língua, como o sistema fonológico, morfológico e sintático.

As interferências são divididas em três situações, a primeira é a interferência fônica, que é quando há mudanças no nível fonético/fonológico da língua, a segunda é a interferência sintática, ocorrendo quando tentam organizar a estrutura de uma frase de determinada língua B segundo a estrutura da primeira língua A. E por fim a interferência lexical, aquela em que o léxico de determinada língua A é utilizada pela língua B, podendo assim, também produzir o empréstimo linguístico. Segundo Calvet, o empréstimo linguístico está em utilizar determinada variante de língua A dentro de língua B adaptando-a à própria pronúncia.

Kallfell (2016) mostra que a mudança de código pode acontecer não somente na troca dos discursos, mas também pode ocorrer nos enunciados dentro do próprio discurso, podendo se comportar no enunciado como uma adoção de um sintagma ou como fenômeno de empréstimo linguístico. O jopara pode em princípio mudar-se entre as palavras do conteúdo sem ter em conta a restrição equivalente. Esta limitação prevê o *code-switching* somente para aqueles lugares da frase em que não se pode danificar a sintaxe, nem do espanhol nem do guarani. Nessa perspectiva, Calvet diz que essa situação pode ser chamada misturas de línguas (*code mixing*) ou como já foi falado por meio de Kallfell, o *code-switching*, mudança de código.

## **Interferência Linguística na Constituição do Jopara**

Para a apresentação de dados usamos um vídeo onde um falante do JOPARA utiliza a mudança de código em um discurso, no mesmo enunciado, assim servindo como modelo de exemplificação e apresentação de dados para esse trabalho.

O vídeo usado foi retirado da rede social Youtube, pois por fatores financeiros e por condições de tempo, não foi possível ir à região onde se localiza o contato fronteiriço. O vídeo tem duração de 3min14s (três minutos e quatorze segundos), onde o falante bilíngue do Jopara apresenta noções de como viver na Espanha, dando dicas diante de suas experiências no país.

O vídeo foi transcrito em partes para facilitar a visualização de pontos que poderiam surgir e servir para análise, com auxílio dos trabalhos: “O Português de Contato dos Kaiowá

(Guarani)” (Cardoso, 2018) e a “Descrição Gramatical do Kaiowá (Guarani): Pontos essenciais” (Cardoso, 2008). Para a tradução livre do espanhol foram usados conhecimentos científicos e empíricos sobre a língua, além de serem usados dicionários e tradutores online como, por exemplo, a plataforma de tradução Reverso.

Abaixo serão apresentados os dados de interferência ocorridos pelo contato entre as duas línguas tipologicamente distintas, o espanhol e guarani. É de suma importância lembrar que nessa área de fronteira onde está localizado nosso objeto de estudo, o português também pode estar presente nesse contexto de mescla, pois na zona guaranítica na qual teve influência das missões jesuíticas corresponde à boa parte do Mato Grosso do Sul e em partes no Paraná.

### Fonético-Fonológico

Para a apresentação das análises serão colocados os exemplos em ordem numérica para assim melhor apresentar os dados da língua:

(1)

[y voi aha seβ(r/b)ura *epaŋa* poɾtugal alemãŋa frãsia]

E vou (a-ha = 1ª.-ir) celular espanha, portugal, alemanha, frança

‘e eu vou com o celular para espanha, Portugal, Alemanha, frança’

(2)

[ndzoi ‘kui ai ‘lea dʒa (ha) ndzoi ‘kwɛ dʒi pano‘rama ‘o sɪpli’ mẽ te oprendeseve oi ‘ku’ʔaa ha´wa]

<ndoikui ailea ja ndoikwe di panorama ou simplesmente oprendesevê oikuáa hawa>

neg+3.sg+trazer-neg 1ª.sg+lea abrir neg+3ª.foi+neg do panorama ou simplesmente 3ª.sg.aprender+se+vê 3ªs.g.saber para

‘abro paranoma para quem não foi, não trouxe.. ou simplesmente para aprender a se ver para saber’

Na pronúncia da palavra Espanha (*España*) no exemplo (1) a consoante fricativa alveolar [s] passa pelo processo de supressão, ou seja, a consoante é retirada no momento da articulação oral do sujeito bilíngue. Podendo essa supressão ser apresentada pelo fone zero

[Ø]. O que pode ser visto também no exemplo (2) onde se pode observar novamente a supressão da fricativa alveolar [s] na pronúncia da palavra *simplesmente*.

### Lexical

(3)

[ndʒoi´kui ai´lea dʒa (há) ndʒoi´kwɛ dʒi pano´rama ‘o sīpli´mēte oprendeseve oi´ku´ʔaa ha´wa]

neg+3.sg+trazer-neg 1<sup>a</sup>.sg+lea abrir neg+3<sup>a</sup>.foi+neg do panorama ou simplesmente  
3<sup>a</sup>sg.aprender+se+vê 3<sup>a</sup>s.g.saber para

<ndoikui ailea ja ndoikwe di panorama ou simplesmente oprendesevê oikuáa hawa>

(4)

[baei´a aprēdia porã jawia hawa´ko]

vaeicha 1<sup>a</sup>. sg.prendia bem jávia hawako  
‘como eu aprendia bem’

Vejam os exemplos novamente no exemplo (3) acima que o falante do Jopara se utiliza da mudança de dois códigos (*code-switching*) em um mesmo enunciado, alterando a fala entre o guarani e o espanhol, o mesmo acontece nos dados de (1) a (2), nos quais se usa o verbo aprender em espanhol e o advérbio de modo *porã* (bem) em guarani.

Isso ocorre devido à mescla entre essas duas línguas, que se caracteriza como mescla intercomunidade, ou seja, ocorre quando duas línguas estão coexistindo e se mesclando em uma mesma comunidade de fala (Tarallo e Alkimin, 1987).

Calvet (2002 p.31) define essa forma de interferência como lexical, que levada ao limite de sua lógica, pode produzir o empréstimo linguístico, ou seja, palavras emprestadas de determinada língua A (por exemplo, o guarani) que são introduzidas no vocabulário de língua B (o espanhol) adaptando-as a sua própria pronúncia, podendo também ocorrer de língua B para a língua A.

## Morfossintaxe

(5)

[ndzoi'kui ai'lea dʒa ha ndzoi'kwɛ dʒi pano'rama 'o sīpli'mēte **oprendeseve**  
oi'ku'ʔaa ha'wa]

No exemplo (5) podemos observar a presença da estrutura sintática do verbo guarani na formação da sentença oral [oprendeseve], onde o prefixo [o-] está ligado ao verbo 'aprender' e ao verbo 'ver', ambos do português, indicando a marcação da 3ª pessoa do singular da língua guarani, além do pronome reflexivo {se} sufixado ao primeiro verbo português. Em seguida, temos novamente a mesma marcação de 3ª. pessoa {o-} do verbo {-kua'a} "saber", na fala [oi'ku'ʔaa ha'wa] que em português seria: "para ele saber".

Utilizando novamente o exemplo (1) quando se tem a fala [y ʔoi aha] <e eu vou (a- ha = 1ª.-ir> 'e eu vou', ele utiliza nominal *y*o (eu) do espanhol, seguida da marcação de 1ª. pessoa do singular {a-} prefixada a raiz verbal guarani {-ha} "ir", assim, os dados apontam também para a mescla entre espanhol e o guarani, o Jopara.

## Considerações Finais

Ao analisarmos as interferências linguísticas do espanhol paraguaio com o guarani, levamos em consideração o seu repertório linguístico de contato, como o período de colonização do Paraguai, sendo investigado a origem dos primeiros contatos entre essas línguas e a influência das missões jesuíticas para o surgimento da mescla *jopará*, visto que nas reduções os índios eram ensinados em sua própria língua sobre as normas espanholas e a fé cristã.

Com os estudos realizados acerca do Jopara foi possível concluir que sua origem se dá aproximadamente a mais de 500 anos, desde que os colonizadores espanhóis se infiltraram em solos da atual República do Paraguai (1530), na qual já era habitado pelos indígenas guaranis, que por interesses de ambas as partes se juntaram formando uma pequena comunidade de mestiços, deixando com que as duas línguas se compartilhassem até o ponto de se mesclarem e dar voz ao *Jopará*.

A língua é responsável por apresentar e representar um povo e sua cultura, o Paraguai assim é representado pela mescla advinda do contato de línguas entre dois povos distintos, que por consequência deram origem a uma miscigenação tanto no campo linguístico quanto

cultural. Foram encontrados traços de interferência linguística em ambas as línguas, espanhol com guarani e vice versa, contudo a língua quando mesclada a outra, as duas recebem interferência no mesmo nível de sentença.

Ainda há muito estudo para ser realizado diante do Jopará, aqui temos uma prévia do que seria e como se originou a mescla. Esperamos que por meio desse trabalho se fomente a curiosidade de novos estudos que aprofundem as pesquisas a respeito desse contato.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade, BUSSE, Sanimar. Variedade ,Norma e Gênero Vol. 9 N° 16. **Contato Linguístico e Bilinguismo: algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação linguística.** Universidade Estadual de Londrina/UEL 2008. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1704-pdf>> Acesso em 18/08/2023.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica* (2ª ed.). (M. Marcionilo, Trad.) São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Valéria Faria. O Português de Contato dos Kaiowá (Guarani). In: FERREIRA, Rogério Vicente; AMADO, Rosane de Sá; CRISTINO, Beatriz Protti. **Português indígena: novas reflexões.** 2014. p.29-51.

CARDOSO, Valéria Faria. “Contato linguístico: Guarani Kaiowá e Português”. In: OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues de, et. al. **Linguagem e significação: sujeitos indígenas – Vol.1**Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p.49-64.

CARDOSO, Valéria Faria. *Descrição Gramatical do Kaiowá (Guarani).* **Pontos essenciais.**Ed: Novas edições acadêmicas. Campinas-SP (UNICAMP), 2008.

CHAMORRO, Graciela. **História Kaiowá. Das origens aos desafios contemporâneos.** São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2015, p. 233-245.

DIETRICH, Wolf; NOOL, Volker (Org). **O Português do Brasil.** Editora: Iberoamericana, Vervuert, S.L., 2011.

FISHMAN, J. *Sociología del Lenguaje.*(Trad. Ramón Sarmiento y Juan C. Moreno). Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

KALLFELL, Guido. *¿Cómo hablan los paraguayos con dos lenguas? Gramática Del Jopará.* Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 2016. Disponível em <

<http://www.etnolinguistica.org/biblio:kallfell-2016-jopara/pdf>> Acesso em: 09/06/2023.

LUSTIG, Wolf. **Mba'éichapa oiko la guarani?** Guaraní y *jopara* en el Paraguay1996. Disponível em <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1792-pdf>> Acesso em 02/12/2023.

OPORTO, Um Paragua En. **YouTube**. 04 de Fevereiro de 2019. 3min13s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dzs7DfxGAUM>> Acesso em: 20/06/2023.

RAMIREZ, Diego Jiquilin. **Jopara: Limiares da Língua**. Língua, Literatura e Ensino. Vol. II, Maio/2007. Disponível em<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/62-pdf>> Acesso em: 20/06/2023.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã – MS: Um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguaio**. Vol. 01, Três Lagoas – MS, 2006.

TARALLO, Fernando, ALKMIN, Tania. **Falares Crioulos: Línguas em Contato**. Editora Ática, 1987 – São Paulo.

VELÁSQUEZ, Pedro Pablo, PEREIRA, Maria Ceres. **Atitudes com Referência às Línguas Castelhana e Guarani**. Acta Scientiarum. Language and Culture – Maringá, 2011 - v. 33, n. 2, p. 199-206. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/4226-pdf>> Acesso em: 23/02/2024.

ZUCCOLILLO, Carolina María Rodríguez. **Língua, Nação e Nacionalismo: Um estudo sobre o guarani no Paraguai**. Tese UNICAMP. Campinas – SP, 2002. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270722/1/RodriguezZuccolillo\\_CarolinaMaria\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270722/1/RodriguezZuccolillo_CarolinaMaria_D.pdf)> Acesso em 02/12/2023.

*O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.*